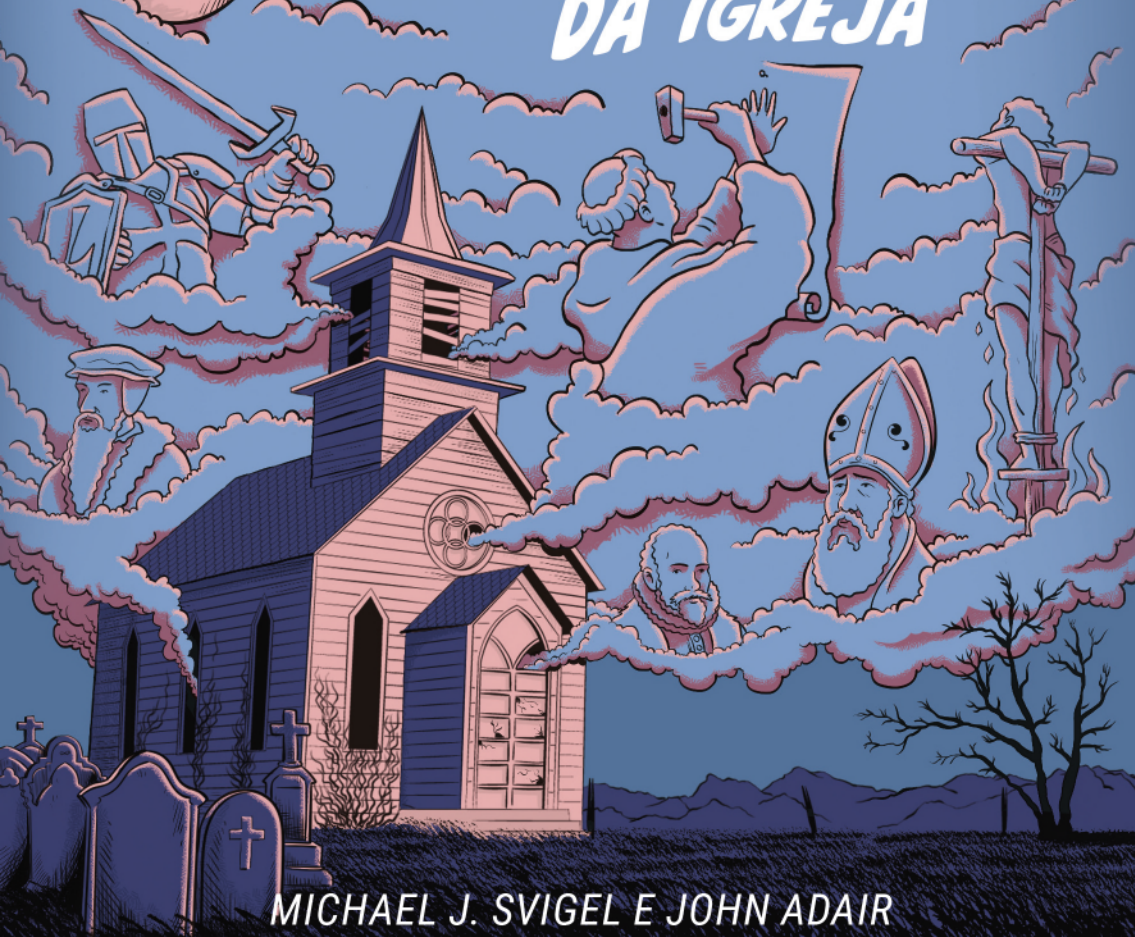


LENDAS URBANAS

DA HISTÓRIA DA IGREJA





chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

“Neste livro, John Adair e Michael J. Svigel embarcaram em uma corrida frenética, destruindo mitos da história da igreja como um touro em uma loja de porcelanas. Eles expõem as notícias enganosas, quer sejam teorias da conspiração seculares ou preconceitos piedosos. O livro inteiro é um grande ‘bem, na verdade, isso não é verídico, o que realmente aconteceu foi...’. Esta obra é uma ótima cura para uma enorme quantidade de estupidez. É leitura obrigatória para qualquer pessoa começando a estudar a história da igreja!”

Michael F. Bird, deão acadêmico, conferencista em teologia, Ridley College, Melbourne, Austrália

“Desmascarando mitos e desinformações com sagacidade, sabedoria e boa vontade, Adair e Svigel realizaram um grande serviço à igreja em *Lendas Urbanas da História da Igreja*. A partir de seus extensos conhecimentos e com ilustrações úteis, os autores explicam de forma clara momentos e tópicos centrais ao longo da história da igreja. Os objetivos dos autores não se resumem a expor lendas, mas aplicar lições aos dias de hoje, pelo bem da unidade e saúde cristã. Todo pastor e professor deveria ter este livro em sua estante.”

Lynn H. Cohick, reitora e deã, professora de Novo Testamento, Denver Seminary

“Como um cristão evangélico ortodoxo e protestante, creio que nunca houve um momento mais importante para conhecer a história da igreja do que agora. Em *Lendas Urbanas da História da Igreja*, John Adair e Michael Svigel oferecem respostas gentis e diretas a algumas das ideias equivocadas, meias verdades e falácias mais importantes ao longo da história da igreja. Essas lendas urbanas moldaram a nossa cultura cristã por tempo demais.”

Kyle D. DiRoberts, professor associado de estudos bíblicos e teológicos, Arizona Christian University

“Este volume é testemunha do fato de que, se as coisas forem repetidas por tempo suficiente, se forem encontradas em várias notas de rodapé em publicações dignas, e se forem escritas por porta-vozes confiáveis, elas entrarão no mundo das ‘verdades’ repetíveis. Esse é o ponto deste livro bem escrito e bem documentado. Os mitos podem tornar as histórias mais empolgantes, eu acho, mas não são de grande serventia para uma representação precisa da realidade. Recomendo fortemente esta obra, escrita por dois estudiosos competentes, que acreditam que a história nua e crua da igreja do nosso Senhor é mais bela do que as invenções. Os exemplos empregados para demonstrar aquilo que todos nós já experimentamos, quando descobrimos que aquilo que acreditávamos que era, não era, são extremamente instrutivos e reveladores. Este livro merece uma leitura séria por qualquer um que esteja preocupado com a representação do passado a fim de entender nosso presente e viver esperançoso pelos nossos futuros.”

John D. Hannah, professor de pesquisa de estudos teológicos e professor titular de teologia histórica, Dallas Theological Seminary

“Adair e Svigel empreenderam uma jornada com uma missão – matar o dragão do equívoco popular. Essa não é uma tarefa fácil. Armados com perspicácia afiada e incisiva, eles golpeiam as falácias e cortam as invenções ao meio. Eles convocam seus leitores a ficar face a face diante das evidências e sentir a força dos argumentos. Aqueles que o fizerem bravamente, certamente aprenderão com a aventura.”

Paul A. Hartog, professor de teologia, Faith Baptist Theological Seminary

“Lendas urbanas podem frequentemente entreter ou divertir, mas, quando envolvem a história e a doutrina eclesiásticas, podem ter consequências bem sérias que impactam a igreja negativamente. A obra prática e acessível de Adair e Svigel identifica e confronta

algumas compreensões errôneas duradouras na igreja. Com um tom cativante e envolvente, eles trazem experiência teológica e conhecimento histórico à essas questões, apresentando e examinando afirmações de forma imparcial, baseando suas explicações com muitas evidências de fonte primária. Este livro beneficiará quaisquer cristãos interessados em uma fé baseada em fatos, ao invés de mitos. Devemos agradecer profusamente Adair e Svigel por terem abordado e respondido habilmente a essas lendas urbanas.”

Stefana Laing, professora assistente de divindade, Beeson Divinity School

“Lendas urbanas não são benignas. Elas distorcem nosso entendimento da fé cristã histórica. Os autores convidam os leitores a avaliar cada lenda à luz da evidência histórica. A relevância fica clara por meio de aplicações úteis ao final de cada capítulo. Pode-se não concordar com todas as interpretações, mas o tesouro da história eclesíastica é promovido nesta obra.”

Bruce Rosdahl, professor de Bíblia e teologia, chefe do departamento de Bíblia e teologia, Southwestern Assemblies of God University

“Adair e Svigel prestaram um grande serviço à igreja neste livro. Apesar dos esforços dos historiadores de retificar os registros, muitos pastores, professores e blogueiros estão perpetuando distorções de alguns aspectos bem importantes da história da nossa fé. Tais líderes precisam consultar os tratamentos práticos destas páginas das coisas que estão entendendo errado. O testemunho do seu povo está em risco.”

Douglas A. Sweeney, deão e professor de divindade, Beeson Divinity School

“Enquanto houver autores populares como Dan Brown e Bart Ehrman, haverá necessidade de um livro como este. Adair e Svigel pesquisaram dezenas de lendas e mitos na história da igreja e oferecem correções para muitas ideias estranhas sobre eventos dos úl-

timos dois mil anos. Este livro é valioso, pois aborda questões com as quais temos de lidar quase todos os dias. Lê-lo é como ter um professor de história eclesiástica constantemente ao seu lado.”

William Varner, professor de Bíblia e grego, The Master's University

LENDAS URBANAS

DA HISTÓRIA
DA IGREJA

MICHAEL J. SVIGEL E JOHN ADAIR

TRADUÇÃO DÉBORA STEIGER

1ª EDIÇÃO 2022



chamada

Urban Legends of Church History: 40 Common Misconceptions
Copyright © 2020 by John Adair and Michael J. Svigel
Published by B&H Academic
Nashville, Tennessee

Todos os direitos reservados mundialmente para a língua portuguesa.

Copyright © 2021 por Chamada

1ª Edição – Fevereiro/2022

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Débora Steiger*

Revisão: *Isabela Bortoliero*

Ilustração de capa: *Augusto Marques*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e*

Rômulo Spier do Nascimento

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc.

Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como NAA foram extraídas da Nova Almeida Atualizada (NAA), copyright © 2017 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como BKJ foram extraídas da Bíblia Sagrada, Versão BKJ Fiel 1611, copyright © 2015 por BV Films Editora. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NTLH foram extraídas da Nova Tradução na Linguagem de Hoje®, copyright © 2000 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S969 Svigel, Michael J.
Lendas urbanas da história da Igreja / Michael J. Svigel e John Adair ; tradução Débora Steiger. – 1. ed. – Porto Alegre : Chamada, 2022.
400 p. ; 22 cm.

“Título original: Urban legends of Church history: 40 common misconceptions”.
ISBN 978-65-89505-16-7

1. História eclesiástica. 2. Teologia – Igreja – História. 3. Cristianismo - Mitos e lendas.
I. Adair, John. II. Steiger, Débora. III. Título.

CDD 270

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

PARTE I

LENDAS URBANAS DA IGREJA PRIMITIVA (50-500 D.C.)

LENDA 1: Os cristãos primitivos adoravam no sábado.....	19
LENDA 2: A igreja apostatou pouco tempo depois dos apóstolos.....	27
LENDA 3: As areias do Coliseu estão manchadas com o sangue dos mártires.....	35
LENDA 4: A ceia do Senhor era originalmente uma “festa de fraternidade” ou “refeição comunitária”.....	43
LENDA 5: A igreja primitiva não sabia a diferença entre ortodoxia e heresia.....	53
LENDA 6: Um imperador, papa ou concílio canonizou a Bíblia.....	63
LENDA 7: A filosofia pagã contaminou a teologia cristã.....	73
LENDA 8: A doutrina da Trindade se desenvolveu séculos depois de Jesus.....	83
LENDA 9: O imperador Constantino tornou o cristianismo a religião oficial do estado.	91
LENDA 10: As mulheres nunca serviram em cargos eclesiais na igreja primitiva .	99

PARTE II

LENDAS URBANAS DO PERÍODO MEDIEVAL (500-1500 D.C.)

LENDA 11: Nada de bom veio da “Idade das Trevas”.....	111
LENDA 12: A expiação substitutiva apareceu pela primeira vez na Idade Média.....	121
LENDA 13: A Igreja Católica Romana governou a Europa com uniformidade.....	129
LENDA 14: A fé cristã foi perdida durante a Idade Média.....	137
LENDA 15: A única igreja verdadeira se tornou clandestina durante a Idade das Trevas.....	145

LENDA 16: A igreja católica medieval abandonou completamente a salvação pela graça	153
LENDA 17: A única igreja verdadeira está marcada por uma cadeia ininterrupta de sucessão apostólica	161
LENDA 18: Abelardo e Anselmo debateram sobre a expiação... e Anselmo ganhou ..	171
LENDA 19: As igrejas orientais e ocidentais se dividiram por causa de uma única palavra no credo	181
LENDA 20: A Igreja Católica Romana queimava hereges na fogueira regularmente...	189

PARTE III

LENDAS URBANAS DA ERA PROTESTANTE (1500-1700 D.C.)

LENDA 21: Os reformadores protestantes inventaram a doutrina da salvação pela graça por meio da fé.....	203
LENDA 22: Os reformadores acreditavam que a Bíblia era a única fonte da teologia.	211
LENDA 23: Os reformadores estavam tentando restaurar a igreja da Era do Novo Testamento.....	221
LENDA 24: Os reformadores removeram os livros apócrifos da Bíblia.....	229
LENDA 25: Os protestantes não aceitam os concílios eclesiásticos e os credos	239
LENDA 26: Os anabatistas foram os predecessores dos batistas modernos.....	249
LENDA 27: João Calvino resumiu sua teologia em “cinco pontos”	259
LENDA 28: Jacó Armínio negou a depravação e ensinou que os cristãos podem perder sua salvação	267
LENDA 29: A versão King James foi a primeira tradução protestante autorizada da Bíblia	277
LENDA 30: Os peregrinos fugiram da opressão religiosa para estabelecer uma sociedade de liberdade religiosa.....	287

PARTE IV
LENDAS URBANAS DA ERA MODERNA (1700-PRESENTE)

LENDA 31: Os estudiosos modernos foram os primeiros a perceber “passagens problemáticas” na Bíblia	299
LENDA 32: Os Estados Unidos eram originariamente uma nação cristã	309
LENDA 33: Os fundamentalistas foram os primeiros cristãos a crer na inerrância da Escritura	319
LENDA 34: Nenhum dos fundadores dos Estados Unidos era cristão ortodoxo	327
LENDA 35: Os cristãos entendiam Gênesis 1 literalmente até a Teoria da Evolução de Darwin	333
LENDA 36: O ateísmo ameaçou a igreja pela primeira vez na era moderna	345
LENDA 37: A igreja nunca esteve tão dividida quanto está na era moderna.....	353
LENDA 38: O teólogo suíço Karl Barth era um liberal	361
LENDA 39: Os calvinistas quase mataram o evangelismo e as missões: os não calvinistas os reviveram	371
LENDA 40: Definidores de datas e buscadores de sinais são um fenômeno exclusivamente moderno	379
ÍNDICE ONOMÁSTICO E REMISSIVO	389

INTRODUÇÃO

O QUE É UMA LENDA URBANA?

Ouvimos pastores pregando sobre isso. Professores falam delas em suas salas de aula. A *internet* as promove como verdade inquestionável. São retratadas com enredos intrigantes em livros, filmes e programas de televisão. E pessoas bem-intencionadas, mas mal-informadas, acreditam nelas. De fato, quase todos nós somos culpados de receber ou repetir meias-verdades, exageros, ideias erradas ou falácias completas sobre a história do cristianismo.

Nas próximas páginas, capturamos e enjaulamos algumas das invenções, exageros, meias-verdades e imprecisões mais repetidas, que vagam selvagens na cultura popular e cristã. O imperador Constantino realmente arruinou o cristianismo? É verdade que um concílio de bispos votou quais livros pertenciam à Bíblia? A igreja verdadeira se escondeu durante a Idade das Trevas? Os Estados Unidos foram fundados como uma nação cristã? Da fábula de uma igreja pagанизada ao mito de que a igreja primitiva cultuava no *Sabbath*, esses erros históricos impactaram a saúde do corpo de Cristo como um todo e a fé dos cristãos individualmente.

ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS

O título de cada capítulo é um breve resumo da lenda urbana em si – não a declaração de uma verdade histórica de fato. Então, em cada ponto, falaremos mais sobre a crença no primeiro subtítulo, “A história lendária”. Essa seção, constituída geralmente de um ou dois parágrafos, resume a essência da lenda, como se viesse da boca de um proponente do mito. Às vezes, esses trechos iniciais podem soar como “espantalhos”, projetados para serem facilmente derrotados. Acredite em nós quando dizemos que ouvimos cada um desses mitos

quase nessas mesmas palavras, e muitas vezes no mesmo tom. No corpo do capítulo, falaremos da lenda urbana em suas formas mais nuançadas.

A segunda seção, “Desvendando a lenda”, dá uma curta prévia da nossa resposta à lenda urbana, seja corrigindo um erro, moderando um exagero ou suavizando um extremo. Essa é a nossa asserção gentil e direta dos fatos, não uma exploração completa de todos os lados da questão. Após essa breve introdução, mergulhamos em mais detalhes, dando exemplos de pessoas responsáveis por manter o mito vivo e citando fontes primárias e secundárias da história da igreja que ajudam a dissipá-lo. Finalmente, cada capítulo tem uma seção breve de “Aplicação”, que realça algumas implicações para nós hoje. Também fornecemos uma porção de recursos para estudos e reflexões mais profundos sobre os fatos relacionados ao tópico em cada item. Ao longo do caminho, procure por tabelas que oferecem “pequenos mitos” tratados em um único parágrafo.

CORRIGINDO AS LENDAS

Este livro abrange quatro períodos: a igreja primitiva (50-500), o período medieval (500-1500), a era protestante (1500-1700) e a era moderna (1700-dias atuais). Cada época possui dez capítulos que abordam alguns dos mitos mais importantes da história da igreja relacionados a ela.

Ao tratarmos das lendas urbanas, fazemos o nosso melhor para distinguir entre falsificações claras que não têm quase nenhuma semelhança com os fatos históricos e eventos que são baseados na verdade. Na maior parte do tempo, o problema tem a ver com exagero. A lenda urbana se baseia em algum(ns) fato(s) histórico(s), mas como um jogo de “telefone sem fio”, o conto vai ficando cada vez mais diferente à medida que é narrado.

Vale a pena fazer mais um comentário para expressar o ponto de vista apresentado neste livro. Por mais que gostaríamos de afirmar

que estamos relatando “apenas os fatos”, a verdade é que toda a história é vista sob uma perspectiva e sujeita à interpretação. Nós escrevemos a partir de um certo ponto de vista, como cristãos ortodoxos, protestantes e evangélicos. Nós nos esforçamos para ser justos com as evidências, mesmo quando elas não apoiam, exatamente, nossas próprias preferências teológicas e práticas. Mas não podemos fingir que somos puramente observadores objetivos, desapaixonados ou desinteressados.

COMENTÁRIO SOBRE AS NOTAS E CITAÇÕES

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas são tiradas da Nova Versão Internacional (NVI). Salvo indicação em contrário, citações dos pais apostólicos são de *The Apostolic Fathers: Greek Texts and English Translations* [Os pais apostólicos: textos em grego e traduções em inglês], ed. e trad. Michael W. Holmes, 3ª edição (Grand Rapids: Baker Academics, 2007), citadas como “Holmes” e seguidas do número da página.

A maioria dos trechos ou citações do período patrístico vem dos Pais Antenicanos (ANF) ou Pais Nicenos e Pós-Nicenos (NPNF), ambos disponíveis online em inglês. Ao citar uma fonte clássica, tentamos manter o leitor não especialista em mente, utilizando o nome inteiro do autor e o título completo da obra traduzido. A citação entre parênteses, após um escrito cristão antigo, indica o volume e o número da página nas séries dos Pais Antenicanos ou dos Pais Nicenos e Pós-Nicenos. Por exemplo, ANF 3:34 se refere ao volume 3, página 34 dos Pais Antenicanos. Os Pais Nicenos e Pós-Nicenos abrangem duas séries separadas. Para eles, nós indicamos qual é a série no primeiro número (um ou dois), depois o volume dentro da série, seguido pela página dentro daquele volume. Por exemplo, NPNF 1.3:34 se refere à primeira série, volume 3, página 34. Para citações de escritos que não fazem parte das séries ANF ou NPNF, tipicamente usamos a forma bibliográfica padrão.

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Gostaríamos de agradecer algumas pessoas que nos ajudaram e encorajaram ao longo do caminho. Primeiramente, a David A. Croteau, autor de *Urban Legends of the New Testament* [Lendas urbanas do Novo Testamento] e coautor de *Urban Legends of the Old Testament* [Lendas urbanas do Antigo Testamento], por ter nos convidado para este projeto. Também queremos agradecer aos editores da B&H Academic por seu trabalho incansável, bem como ao nosso agente, Steve Laube, por sua ajuda durante o projeto. Tivemos alguma assistência de pesquisa de estagiários do Dallas Theological Seminary: Christopher Crane, Sean Davidson, Kevin Gottlieb, Joshua Hankins, Park Lukich e Torey Teer. Obrigado por contribuirmos.

Em seguida, queremos expressar nossos agradecimentos às nossas esposas e famílias por suportarem as longas horas na frente de um computador e longe da vista enquanto completávamos este projeto. Amamos vocês e apreciamos a sua parte em nosso ministério.

Por fim, reconhecemos o trabalho de dois homens que nos inspiraram e encorajaram em nosso estudo de teologia histórica e história da igreja, que têm sido nossos professores, colegas e amigos ao longo dos anos: dr. D. Jeffrey Bingham e dr. John D. Hannah. Dedicamos este volume a eles com gratidão.

John Adair
Michael J. Svigel

PARTE I

LENDAS URBANAS DA IGREJA PRIMITIVA 50-500 D.C.



LINHA DO TEMPO DA IGREJA PRIMITIVA

(ALGUMAS DAS DATAS ABAIXO SÃO APROXIMADAS.)

35-95: Era dos apóstolos

35-99: Clemente de Roma

35-110: Inácio de Antioquia

40-95: Escrita do Novo Testamento

50-70: Escrita de *A Didaquê*

53-117: Imperador Trajano

56-120: Tácito

64: Incêndio em Roma durante o governo de Nero

66-73: Primeira revolta judaica e destruição do templo

69-155: Policarpo de Esmirna

75-134: Aristides de Atenas

75-135: Escrita da *Carta de Barnabé*

90-140: Escrita de *O Pastor de Hermas*

100-165: Justino Mártir

110-180: Melitão de Sardes

120-180: Celso

120-185: Teófilo de Antioquia

120-200: Ireneu de Lião

132-135: Revolta judaica de Barcoquebas

133-190: Atenágoras de Atenas

150-200: Solidificação do cânon neotestamentário

150-215: Clemente de Alexandria

160-225: Tertuliano de Cartago

170-240: Hipólito de Roma

184-253: Orígenes de Alexandria

200-258: Cipriano de Cartago

200-268: Dionísio de Roma
200-300: Esclarecimentos adicionais do cânon neotestamentário
213-270: Gregório, o fazedor de milagres
234-304: Porfírio de Tiro
244-311: Imperador Diocleciano
250: A perseguição deciana
250-325: Lactâncio
260-336: Ário de Alexandria
263-339: Eusébio de Cesareia
272-337: Imperador Constantino
290-374: Atanásio de Alexandria
303-304: A grande perseguição de Diocleciano
313: Édito de Milão
313-386: Cirilo de Jerusalém
325: Concílio de Niceia
330-390: Gregório de Nazianzo
335-396: Gregório de Nissa
339-397: Ambrósio de Milão
349-407: João Crisóstomo
379-395: Teodósio I
380: Édito de Tessalônica
381: Concílio de Constantinopla
300-400: Assentamento do cânon neotestamentário
347-420: Jerônimo
354-430: Agostinho de Hipona
360-418: Pelágio
360-435: João Cassiano

400-461: Leão I (o Grande)

418: Concílio de Cartago

431: Concílio de Éfeso

451: Concílio de Calcedônia

529: Segundo Concílio (Sínodo) de Orange

529: Fundação da ordem beneditina

540-604: Papa Gregório I (o Grande)

553: Concílio de Constantinopla II

- LENDA 1 -

OS CRISTÃOS PRIMITIVOS ADORAVAM NO SÁBADO

A HISTÓRIA LENDÁRIA

Êxodo 20.8 diz: “Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo”. Esse mandamento não é uma ordenança aleatória escondida na lei cerimonial dos levitas. É um dos DEZ MANDAMENTOS! Não é de se admirar que a igreja primitiva se reunisse para cultuar no sábado, o *Sabbath*. Mas na época do imperador Constantino (272-337), o dia de adoração dos cristãos tinha mudado do *Sabbath* bíblico (sábado) para o domingo, a fim de tornar mais fácil a vida da multidão de pagãos que estava repentinamente inundando as igrejas. Acostumadas a adorar o deus sol no domingo, as autoridades eclesiásticas mudaram o dia de adoração para acomodar as massas. Desde aquele tempo, os cristãos que observam o *Sabbath* têm sido maltratados, humilhados ou até mesmo perseguidos por permanecerem fiéis ao sábado, como Jesus, os discípulos e os crentes judeus primitivos observavam em obediência aos Dez Mandamentos.

INTRODUÇÃO: DESVENDANDO A LENDA

A evidência histórica real mostra que até mesmo os mais antigos discípulos judeus de Jesus no primeiro século comemoravam a ressurreição de Cristo todos os domingos. Embora muitos judeus

cristãos tenham também continuado a observar o sábado como parte de sua herança, cultura e tradição, o primeiro dia da semana (domingo) era o dia normal de reunião para adoração coletiva, porque esse fora o momento da ressurreição do Senhor. Na verdade, as evidências de que os seguidores originais de Jesus adoravam no domingo – *não no sábado* – são “numerosas, unânimes e inequívocas”.¹ Por que, então, algumas pessoas afirmam que a igreja primitiva observava o *Sabbath* judaico?

O MITO DO SÁBADO-PARA-DOMINGO

Ao longo dos anos encontramos diversas seitas que se encontram para adorar no sábado (o *Sabbath* judaico), ao invés do domingo.² Quando questionados a respeito do porquê dessa prática, as respostas variam. Alguns acreditam que a regra nos Dez Mandamentos ainda requer que os cristãos guardem o *Sabbath* no dia de sábado.³ Outros afirmam que esse era o dia em que os crentes do Novo Testamento e a igreja primitiva se reuniam para adorar, e que desejam retornar à prática original.⁴ É óbvio que, se os primeiros seguidores judeus de Jesus adoravam no sábado, em algum ponto ao longo do caminho alguém mudou o dia da adoração cristã.

Em 2003, a lenda urbana de que os cristãos originais adoravam no sábado se tornou popular. Em seu best-seller *O Código Da Vinci*, Dan Brown pôs esse mito na boca de seu incansável protagonista, Ro-

1 Veja Everett Ferguson, *Early Christians Speak: Faith and Life in the First Three Centuries* (Abilene, TX: Abilene Christian University Press, 1999), 1:69.

2 Samuele Bacchiocchi, *From Sabbath to Sunday: A Historical Investigation of the Rise of Sunday Observance in Early Christianity* (Roma: Pontifical Gregorian University Press, 1977).

3 Veja, p. ex., John C. Williams, *Ten Commandments: The Christian Code of Conduct* (Ringgold, GA: TEACH Services, 2013).

4 David C. Pack, *Saturday or Sunday: Which Is the Sabbath?* (Bloomington, IN: iUniverse, 2009). Pack é um professor da Restored Church of God [Igreja de Deus restaurada], uma seita que afirma ser herdeira da Worldwide Church of God [Igreja mundial de Deus] de Herbert Armstrong.

bert Langdon: “Originalmente [...] o cristianismo honrava o *Sabbath* judaico no sábado, mas Constantino alterou-o para que coincidissem com o dia da veneração do sol dos pagãos. [...] Até hoje, a maioria daqueles que frequentam a igreja participa dos cultos na manhã de domingo sem fazer ideia de que estão ali devido ao tributo semanal do deus sol pagão”.⁵ Assim como vários cultos, seitas e historiadores fajutos antes dele, Dan Brown depositou a culpa pela alteração de sábado para domingo aos pés do imperador Constantino, motivado pela popularização, portanto, paganização do cristianismo.

DEIXANDO O SÁBADO DESCANSAR

Há muitos anos, eu (Mike) participei de uma série de apresentações acadêmicas sobre o papel do imperador Constantino na história da igreja primitiva.⁶ Uma delas abordou diretamente a questão do *Sabbath* e da adoração no domingo.⁷ Enquanto eu ouvia o colega estudioso da patrística, Paul Hartog, analisar cuidadosamente os fatos históricos reais, senti que alguns de nós na sala estavam um tanto envergonhados por esse assunto ter de ser tratado em um ambiente acadêmico. Não havia boas evidências e argumentos históricos que apoiassem o mito de que a adoração original no sábado tinha sido substituída pelo domingo, séculos depois.

Os cristãos mais antigos se reuniam no “dia do Senhor”.⁸ Por volta de 95 d.C., a frase “dia do Senhor” (grego, *kyriakē hēmera*) tinha

5 Dan Brown, *The Da Vinci Code* (Nova York: Anchor Books, 2003), p. 305. No original em inglês, o autor faz menção a como a palavra “sunday” [domingo] significa, literalmente, “dia do sol”. (N.T.)

6 Essas apresentações foram subsequentemente publicadas em *Rethinking Constantine: History, Theology, and Legacy*, ed. Edward L. Smither (Eugene, OR: Wipf and Stock, 2014).

7 Veja Paul A. Hartog, “Constantine, Sabbath-Keeping, and Sunday Observance”, Smither, p. 105-129.

8 Veja R. J. Bauckham, “Sabbath and Sunday in the Post-Apostolic Church”, *From Sabbath to Lord’s Day: A Biblical, Historical, and Theological Investigation*, ed. D. A. Carson (Grand Rapids: Zondervan, 1982), cap. 9.

aparentemente se tornado um termo comum para o dia de adoração coletiva cristã, centrado na pregação e na ceia (chamada de “eucaristia” ou “ação de graças”). O apóstolo João utiliza-a dessa forma em Apocalipse 1.10, presumindo que seus leitores no oeste da Ásia Menor saberiam imediatamente o que ele queria dizer com isso.⁹

Antes disso, os apóstolos se referiam ao domingo como “o primeiro dia da semana”, no qual Cristo ressuscitara dentre os mortos (Mt 28.1; Mc 16.2,9; Lc 24.1; Jo 20.1). Já nos primórdios da igreja, eles e seus discípulos se reuniam para adorar no “primeiro dia da semana”, isto é, domingo, em comemoração à ressurreição do Senhor Jesus. Atos 20.7 diz: “No primeiro dia da semana reunimo-nos para partir o pão, e Paulo falou ao povo. Pretendendo partir no dia seguinte, continuou falando até a meia-noite”. A prática de “partir o pão” é provavelmente uma referência à adoração conjunta dos crentes, centrada na ceia do Senhor e na comunhão em torno da pregação da Palavra (veja o cap. 4). Também observamos Paulo falando da coleta de dinheiro para as igrejas em 1Coríntios 16.1-2, instruindo os coríntios a fazerem a arrecadação “no primeiro dia da semana” (16.2). Como essa era uma coleta a ser feita entre os membros da igreja, isso indica que esse era o dia em que eles se reuniam regularmente como Corpo.¹⁰

9 Veja discussões em G. K. Beale, *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text*, The New International Greek Testament Commentary, ed. I. Howard Marshall e Donald A. Hagner (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p. 203; J. Ramsey Michaels, *Revelation*, The IVP New Testament Commentary Series, ed. Grant R. Osborne (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1997), p. 58-59; Grant R. Osborne, *Revelation*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament, ed. Moisés Silva (Grand Rapids: Baker Academic, 2002), p. 83-84.

10 Paulo poderia estar simplesmente dizendo que os crentes deviam priorizar suas ofertas, separando dinheiro para o Senhor no começo de cada semana. Craig S. Keener, *1-2 Corinthians*, The New Cambridge Bible Commentary, ed. Ben Witherington III (Cambridge: Cambridge University Press, 2005), p. 136. No entanto, considerando a constelação de evidências para a adoração dos primeiros cristãos no domingo, essa arrecadação de apoio financeiro é melhor entendida como ocorrendo durante a reunião regular da igreja no primeiro dia da semana.

Agora, sabemos que no sábadu os apóstolos iam às sinagogas judaicas para pregar sobre Cristo aos judeus e aos gentios tementes a Deus (At 13.14,42,44; 16.33). Mas esse *evangelismo* não era a mesma coisa que uma reunião para ouvir o ensino, partir o pão e orar – características da adoração dos primeiros cristãos (At 2.42). Também parece provável que os primeiros crentes judeus continuaram a observar muitos aspectos da Lei, incluindo o descanso do *Sabbath* no sábadu,¹¹ mas isso não impediu que também se adotasse, bem cedo, a observância da manhã de domingo.¹²

Então, a partir do Novo Testamento vemos desde cedo uma ênfase no domingo, o “dia do Senhor”, o dia em que o Senhor ressuscitou dentre os mortos, também chamado “primeiro dia da semana”. Quando avançamos na história da igreja para a próxima geração de cristãos – pessoas que de fato aprenderam aos pés dos apóstolos e seus discípulos – a imagem se torna ainda mais clara.¹³

Em *A Didaquê*, um manual eclesiástico que, de acordo com um consenso emergente de especialistas, foi escrito provavelmente na região da Antioquia entre 50 e 70 d.C., a instrução é simples: “Em cada Dia do Senhor [*kata kyriakên de kyriou*] – o dia dele especial – reúnam-se, partam o pão e rendam graças...”.¹⁴ O “Dia do Senhor” é o mesmo termo utilizado em Apocalipse 1.10.

Mais ou menos na mesma época (por volta de 80 d.C.), um escrito anônimo, mas altamente respeitado (mais tarde atribuído a “Barnabé”), deixa claro que os cristãos adoravam intencionalmente não no “sétimo dia” (o *Sabbath*), mas no “oitavo dia”, domingo, como

11 Paul F. Bradshaw, *The Search for the Origins of Christian Worship: Sources and Methods for the Study of Early Liturgy* (Nova York: Oxford University Press, 1992), p. 192.

12 Veja Arthur G. Patzia, *The Emergence of the Church: Context, Growth, Leadership, and Worship* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001), p. 212-213.

13 James F. White, *A Brief History of Christian Worship* (Nashville: Abingdon, 1993), p. 30-31.

14 “A Didaquê” 14.1, *Pais Apostólicos*, trad. Almiro Pisetta (São Paulo: Mundo Cristão, 2017), p. 130.

um memorial da ressurreição: “Nós passamos o oitavo dia celebrando, o dia no qual Jesus ressuscitou dentre os mortos e, depois de ter aparecido novamente, ascendeu aos céus”.¹⁵

Por volta de 110 d.C., Inácio, líder da igreja de Antioquia, escreveu uma carta para a igreja em Magnésia da Ásia Menor, enquanto estava a caminho de sua execução em Roma. Nela, ele abordou o problema dos judaizantes que infectavam a igreja com divisões e falsa doutrina. Ele se viu tendo que explicar a prática cristã de adorar no domingo ao invés do sábado, sendo que esta última era a atividade dos judaizantes, e não dos cristãos ortodoxos. Ele afirmou que mesmo aqueles que no passado tinham guardado o *Sabbath* como parte da antiga aliança, quando “chegaram a uma nova esperança”, “deixaram de observar o sábado e viveram de acordo com o Dia do Senhor [*kata kyriakēn*], dia no qual nossa vida, bem como a deles, brilhou, graças a ele e a sua morte...”.¹⁶ Perceba que Inácio não estava promovendo um novo dia de adoração, nem defendendo uma mudança recente do sábado para o domingo. Pelo contrário, ele simplesmente explicou porque os discípulos judeus originais de Jesus deixaram de guardar o sábado e passaram a adorar no domingo, o dia do Senhor, o dia de sua ressurreição.¹⁷ As evidências históricas mostram que até mesmo a primeira geração de judeus crentes em Jesus não insistiu na observância do sábado. Eles também adoravam no domingo.

Antes de descartarmos essas evidências como sendo de “fora da Bíblia” e uma corrupção posterior por parte dos pais da igreja, lembremos que Inácio não era um monge recluso de um canto isolado da Idade das Trevas. Ele já era um senhor idoso por volta de 110 d.C., o que significa que era um homem de meia-idade quando os próprios apóstolos ainda viviam e ministravam. E como pastor na

15 *Barnabas* 15.9 (Holmes 429).

16 “Carta de Inácio aos magnésios” 9.1, *Pais Apostólicos*, p. 75.

17 Veja William R. Schoedel, *Ignatius of Antioch*, Hermeneia (Filadélfia: Fortress, 1985), p. 123-124.

significativa cidade de Antioquia, centro de envio de missionários, Inácio certamente teria conhecido alguns dos apóstolos e seus discípulos. Além disso, sabemos que ele era amigo íntimo de Policarpo, pastor de Esmirna, o qual fora nomeado líder na igreja pelo apóstolo João. Assim, o ensino de Inácio sobre adoração dominical quase certamente veio dos apóstolos e seus discípulos, a quem ele teria conhecido pessoalmente.

Mas e quanto ao imperador Constantino no século IV? Ele não mudou o dia oficial de adoração de sábado para domingo? Claro que não. Já com Inácio, por volta de 110 d.C., vemos que os cristãos judeus e gentios adoravam no domingo. Isso foi 200 anos antes de Constantino supostamente assumir o controle da antiga fé de forma hostil (veja mais nos caps. 6 e 8). Na época de Constantino, então, a igreja já adorava nos domingos há pelo menos dois séculos. Contudo, Constantino desempenhou um papel bastante importante ao permitir que os cristãos adorassem de forma legalizada aos domingos, ao conceder ao cristianismo o *status* de religião legal (veja o cap. 9). Em poucas palavras, Constantino não mudou a adoração de sábado para domingo.¹⁸

APLICAÇÃO

A observância da adoração dominical faz diferença para os cristãos hoje, assim como fez para a igreja primitiva. A adoração no domingo era, em si mesma, uma confissão de fé. Era o dia em que Deus começara sua obra da criação (Gn 1.1-3) e o dia em que Adão e Eva deviam começar seu serviço e obediência ao seu Criador (Gn 1.28-31). Cristo ressuscitou no domingo (Mt 28.1), e ensinou as Escrituras e partiu o pão com dois de seus discípulos no domingo (Lc 24.13-35). O batismo do Espírito Santo e a fundação da igreja ocorreram no Pentecoste, que era sempre no domingo, durante o

18 Veja Hartog, “Constantine, Sabbath-Keeping, and Sunday Observance”, p. 105-129.

qual os crentes estavam reunidos para orar (At 2). Quando nós cristãos nos reunimos semanalmente aos domingos para adorar, estamos fazendo isso como um testemunho contínuo de elementos centrais da nossa fé que ocorreram nesse dia. A observância dos domingos (ao invés dos sábados) é também uma marca tangível de que nós somos o povo da nova aliança, que foi planejada para ser diferente da antiga (Jr 31.31-32). Dessa maneira, confessamos que Cristo é o cumprimento da Lei (Rm 10.4) e que nós somos criados nele como parte da nova criação (Gl 6.15), na qual as coisas antigas passaram e novas surgiram (2Co 5.17).

RECURSOS

Arthur G. Patzia, *The Emergence of the Church: Context, Growth, Leadership, and Worship* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001).

Paul A. Hartog, “Constantine, Sabbath-Keeping, and Sunday Observance”, *Rethinking Constantine: History, Theology, and Legacy*, ed. Edward L. Smither (Eugene, OR: Wipf and Stock, 2014).

- LENDA 2 -

A IGREJA APOSTATOU POUCO TEMPO DEPOIS DOS APÓSTOLOS

A HISTÓRIA LENDÁRIA

O apóstolo Paulo avisou: “Sei que, depois da minha partida, lobos ferozes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho” (At 20.29). Assim, quase imediatamente depois do primeiro século, as igrejas experimentaram um trágico afastamento da verdade. Falsos ensinos cheios de veneno corromperam a pureza da fé “uma vez por todas confiada aos santos” (Jd 3). Uma hierarquia de bispos e padres substituiu a simples comunidade eclesíástica de crentes caridosos e solidários. Em poucas palavras, o cristianismo apostólico perdeu o rumo. Foi necessário um grande movimento restaurador, séculos depois, para restabelecer a pureza do evangelho e a verdadeira representação do cristianismo na terra.

INTRODUÇÃO: DESVENDANDO A LENDA

Embora o cristianismo certamente tenha se desenvolvido e mudado ao longo dos séculos, o processo foi, na verdade, lento e gradual. A verdadeira história não é de uma queda súbita de um precipício, ou mesmo de um declínio uniforme em direção ao erro. Em vez disso, nos primeiros séculos, o cristianismo passou por altos e baixos no que diz respeito à fidelidade doutrinária, vitalidade espiritual e in-

tegridade moral. Embora algumas partes da igreja tenham de fato apostatado e certas épocas viram um nível maior de corrupção e infidelidade à doutrina do que outras, pequenas zonas de luz e um remanescente de fé e obediência sempre persistiram ao longo da história eclesiástica.

HOUVE UM DESVIO?

Quando lemos documentos da igreja primitiva e examinamos a expressão do cristianismo no século XXI, obviamente notamos mudanças. Na verdade, se pegarmos escritos de teólogos do século V, X ou XV, veremos a mesma coisa. Mas quão severas foram essas mudanças? Esses desenvolvimentos foram positivos, negativos ou neutros? Eles obscureceram completamente os ensinamentos originais dos apóstolos, essencialmente apagando a proclamação autêntica da mensagem salvadora do evangelho encontrada no período neotestamentário?

Alguns cristãos, assim como muitas falsas seitas cristãs, acreditam que a igreja verdadeira apostatou imediatamente depois dos apóstolos. Essa visão é geralmente chamada de “primitivismo” ou “restauracionismo”, pois esses grupos creem que suas próprias doutrinas e práticas são uma restauração da pureza original e primitiva da única igreja verdadeira. Tudo que consta entre a era dos apóstolos e a instauração do seu próprio movimento, portanto, seria considerado apóstata, corrupto ou no mínimo imperfeito e impuro.

Por exemplo, a fim de explicar a ausência da sua forma de experiências carismáticas da maior parte da história eclesiástica, alguns pentecostais e cristãos carismáticos argumentaram que a igreja apostatou depois dos apóstolos. Com essa apostasia, muitos dons de sinais milagrosos desapareceram, e alguns alegam que eles só podiam ser encontrados em pequenos grupos remanescentes de cristãos per-

seguidos, fora das igrejas apóstatas.¹⁹ O teólogo pentecostal Kenneth Archer observa: “Os pentecostais sabiam que o passado histórico da igreja carecia de provas consistentes de dons sobrenaturais operando no meio cristão. Ao invés de dissuadi-los, isso reforçou a veracidade de sua alegação. Os pentecostais estavam convencidos de que estavam simplesmente retornando ao cristianismo primitivo e de que tinham restaurado o evangelho pleno”.²⁰ Em outras palavras, alguns pregadores pentecostais enxergavam suas doutrinas e práticas não como novidade, mas como uma restauração da igreja primitiva que havia caído em apostasia.

De maneira similar, desde o século XIX um grupo de professores batistas alega que uma grande apostasia ocorreu na igreja primitiva, a qual apagou a luz das igrejas autênticas e visíveis durante a Idade das Trevas.²¹ Um proponente dessa perspectiva, James Robinson Graves (1820-1893), observou: “Todas as igrejas de Cristo antes da ‘apostasia’, a qual se deu nos séculos III e IV e deu origem às hierarquias católicas grega e latina, eram o que hoje são as chamadas igrejas batistas”.²²

Esse mesmo enredo é encontrado também em seitas e cultos. Por exemplo, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (os mórmons) afirma: “Menos de 400 anos depois da morte do salvador, não era possível mais encontrar em qualquer lugar do mundo a igreja da forma como Jesus a tinha organizado. Isso deu início

19 Veja Bradley Truman Noel, *Pentecostal and Postmodern Hermeneutics: Comparisons and Contemporary Impact* (Eugene, OR: Wipf and Stock, 2010), p. 64-65; Harlyn Graydon Purdy, *A Distinct Twenty-First Century Pentecostal Hermeneutic* (Eugene, OR: Wipf and Stock, 2015), p. 24.

20 Kenneth J. Archer, *The Gospel Revisited: Towards a Pentecostal Theology of Worship and Witness* (Eugene, OR: Pickwick, 2011), p. 32.

21 Essa perspectiva não representa a totalidade – ou mesmo a maioria – dos batistas hoje. Para uma descrição e crítica justas do landmarkismo dos batistas históricos, veja Anthony L. Chute, Nathan A. Finn e Michael A. G. Haykin, *The Baptist Story: From English Sect to Global Movement* (Nashville: B&H Academic, 2015), p. 169-174.

22 James Robinson Graves, *Old Landmarkism: What Is It?* (Memphis: Baptist Book House, 1880), p. 167.

ao período conhecido como a Grande Apostasia. Os apóstolos do Novo Testamento e do Livro de Mórmon tinham desaparecido”.²³ Essa perspectiva da “grande apostasia” na história da igreja é também adotada por seitas heréticas tais como as testemunhas de Jeová.²⁴

PONTOS DE CONTINUIDADE

A verdade é que um alto grau de continuidade prevaleceu nas doutrinas e práticas entre as igrejas apostólicas do primeiro século e as próximas gerações – especialmente nas questões teológicas e práticas mais cruciais. Com efeito, em vários temas centrais, a maioria das igrejas continuou a ter um só parecer.

Durante o período dos pais da igreja (c. 100-500), a confissão de Jesus como o Deus-homem que nasceu de uma virgem, viveu uma vida sem pecado, morreu como expiação pelo pecado, ressuscitou corporalmente e ascendeu aos céus continuou sendo central à pregação e ensino eclesiásticos (veja os caps. 5 e 8). Assim, Inácio de Antioquia, por volta de 110 d.C., escreveu: “Só existe um médico – físico e mesmo assim espiritual, nascido mas não gerado, o Deus encarnado, a vida genuína no meio da morte, que brotou de Maria, bem como de Deus, primeiro sujeito ao sofrimento e depois acima dele – Jesus Cristo nosso Senhor”.²⁵

A confissão consistente da verdade cristã levou o cristianismo adiante por séculos. Na verdade, podemos ver os contornos básicos da teologia ortodoxa ao longo da história da igreja, uma vez que certas crenças nunca mudaram: o Deus trino como criador e redentor; a queda e resultante depravação da humanidade; a pessoa e obra salvadoras de Cristo; a salvação pela graça por meio da fé; a inspiração e autoridade da Escritura; a incorporação do redimido ao

23 Shanna Butler, “What Happened to Christ’s Church?”, *New Era* 35, n. 2 (fev. 2005), p. 8.

24 M. James Penton, *Apocalypse Delayed: The Story of Jehovah’s Witnesses*, 3 ed. (Toronto: University of Toronto Press, 2015), p. 258.

25 “Carta de Inácio aos efésios” 7.2, *Pais Apostólicos*, p. 67.

corpo de Cristo, a igreja; e a esperança da ressurreição do homem e restauração da criação.²⁶

De maneira similar, os cristãos mantiveram a continuidade de geração em geração através de certas práticas compartilhadas. Eles continuaram a confessar a fé trinitária centrada na pessoa e na obra de Cristo por meio da prática do batismo e da observância da ceia do Senhor. Eles adoravam por meio da oração, adoração e pregação nas manhãs de domingo, comemorando a ressurreição de Cristo. E eles procuravam viver vidas piedosas pelo poder do Espírito, evitando o mal e buscando a justiça.

Longe de terem imediatamente caído em apostasia, as primeiras gerações depois dos apóstolos levaram a tocha da fé cristã adiante, em meio a grande adversidade e perseguição. É bastante revelador que, no século XVI, quando os protestantes procuraram reformar a igreja do final da Idade Média, eles se voltaram para os primeiros cinco séculos da igreja como um modelo para a fidelidade doutrinária e prática (veja o cap. 23). Apesar de suas falhas e fracassos humanos, os reformadores protestantes enxergavam os cristãos primitivos, como Policarpo, Inácio, Ireneu, Atanásio, Gregório de Nazianzo, João Crisóstomo, Agostinho de Hipona e Gregório, o Grande como aqueles que levaram a tocha, e não como aqueles que a apagaram.

PONTOS DE DIVERSIDADE

Embora unidade e continuidade tenham prevalecido em doutrinas e práticas centrais de uma geração para outra, as igrejas espalhadas pelo mundo tinham muitos pontos de diversidade e diferenças de opinião. O historiador da igreja J. N. D. Kelly nota: “Observado de fora, o cristianismo primitivo tem a aparência de uma difusão vasta de congregações locais, cada uma levando uma vida separada com

26 Veja Michael J. Svigel, *RetroChristianity: Reclaiming the Forgotten Faith* (Wheaton, IL: Crossway, 2012), p. 104-105.

sua própria estrutura e cargos constitucionais, e cada uma chamada de ‘igreja’. Em um sentido mais profundo, porém, todas essas comunidades têm consciência de serem parte de uma Igreja universal”.²⁷

Algumas áreas de distinções incluem a escatologia (doutrina do fim dos tempos), perspectivas a respeito do papel do livre-arbítrio e da soberania de Deus na salvação, métodos de administração do batismo e da ceia do Senhor, e certas formas de liturgia específicas de determinadas culturas.²⁸ Contudo, a diversidade não significa desunião; nem implica, necessariamente, deterioração. As igrejas primitivas reconheciam que opiniões diferentes em doutrinas e práticas não centrais eram aceitáveis e apropriadas no corpo global de Cristo, o qual estava unido nos fundamentos fundamentais da fé.

Mesmo assim, essa unidade dos cristãos no que é essencial e diversidade no não essencial eventualmente abriu espaço para a deterioração da doutrina e da prática na Idade Média, que ameaçou a união e a pureza das igrejas.

O DECLÍNIO GRADUAL

Embora a deterioração seja um fato histórico, a corrupção doutrinária e prática veio gradualmente, não de súbito. As mudanças na teologia cristã foram tão lentas que eram pouco perceptíveis de uma geração para outra. Enquanto o ensino vital da igreja a respeito da Trindade e de Cristo permaneceu intocado, diferenças começaram a aparecer em outros assuntos. Opiniões divergentes se formaram a respeito do papel da vontade humana e das boas obras na salvação, bem como a extensão da natureza depravada da humanidade depois da Queda. Com isso, começaram a surgir diferenças na doutrina da salvação – com alguns enfatizando a necessidade de cooperar de boa vontade com os meios da graça de Deus, oferecidos por meio da

27 J. N. D. Kelly, *Early Christian Doctrines*, 5 ed. rev. (Nova York: HarperOne, 1978), p. 189.

28 Veja Svigel, *RetroChristianity*, p. 108-112.

igreja.²⁹ A soteriologia (doutrina da salvação) foi a área em que mais houve afastamento do período patrístico.³⁰

Outras inovações, como os sete sacramentos, o papado, o purgatório, a intercessão de Maria e dos santos e o uso devocional de ícones, também se infiltraram ao longo dos séculos – e não de décadas – e eram aceitas por muitos cristãos no início do período medieval (c. 500-1000). Durante o final da Idade Média (1000-1500), um declínio perceptível na doutrina e prática levou muitos pastores e teólogos com discernimento a pedir uma reforma, indicando que em nenhum momento o corpo de Cristo tinha apostatado por completo. Por exemplo, figuras como John Wycliffe (c. 1325-1384) e João Huss (c. 1369-1415) apontaram desvios significativos das instruções originais dos apóstolos e profetas na Escritura, bem como ensinamentos da igreja primitiva.

Logo, houve um declínio na pureza das doutrinas e práticas, mas o desvio da unidade essencial para a deterioração, corrupção e conflito foi mais sentido no final do período patrístico e no medieval. E mesmo em meio a essa decaída observável, vários recantos da igreja, por todo o mundo, continuaram a preservar uma doutrina e prática relativamente sãs (veja os caps. 11, 13 e 14). A igreja do período patrístico teve, certamente, seus altos e baixos, mas a ideia de que tenha apostatado radicalmente logo depois dos apóstolos é um mito.

APLICAÇÃO

Assim como a corrupção do cristianismo foi um processo vagaroso e pouco perceptível que ocorreu ao longo dos séculos, a deturpação

29 Para um tratamento detalhado da história da justificação, veja Alister E. McGrath, *Iustitia Dei: A History of the Christian Doctrine of Justification*, 3 ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 2005).

30 John D. Hannah, *Our Legacy: The History of Christian Doctrine* (Colorado Springs: NavPress, 2001), p. 216-226; Jaroslav Pelikan, *The Christian Tradition: A History of the Development of Doctrine*, vol. 3, *The Growth of Medieval Theology (600-1300)* (Chicago: University of Chicago Press, 1978), p. 50-214.

do nosso próprio caráter, tanto individualmente quanto coletivamente, acontece por meio de um lento processo de negligência. A menos que sejamos vigilantes, erros de doutrina e práticas distorcidas inevitavelmente se infiltrarão sem que possamos nos dar conta. Precisamos constantemente nos voltar para a Escritura e às gerações mais antigas de cristãos como padrões para a nossa própria fidelidade, e corrigir nosso caminho regularmente. Também podemos ser encorajados pelo fato de que, mesmo em meio ao declínio espiritual, Deus mantém sua promessa de nunca deixar a igreja sucumbir aos portões do Hades (Mt 16.18). Ele não nos deixará órfãos (Jo 14.18), mas estará conosco até o final dos tempos (Mt 28.20). Como um Pai amoroso, Deus de fato disciplina seus filhos quando eles se desviam, mas nunca nos deixará ou esquecerá, mesmo quando nos afastarmos para longe do caminho certo (Hb 12.5-6; 13.5).

RECURSOS

J. N. D. Kelly, *Early Christian Doctrines*, 5 ed. rev. (Nova York: HarperOne, 1978).

Jaroslav Pelikan, *The Christian Tradition: A History of the Development of Doctrine*, vol. 1: *The Emergence of the Catholic Tradition (100-600)* (Chicago: University of Chicago Press, 1978).

Michael J. Svigel, *RetroChristianity: Reclaiming the Forgotten Faith* (Wheaton, IL: Crossway, 2012).



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

DESVENDE 40 LENDAS E OUTROS MITOS DA HISTÓRIA DA IGREJA

Lendas Urbanas da História da Igreja examina quarenta dos acontecimentos com mais equívocos e mal-entendidos da história da igreja, desde o período da igreja primitiva até a era moderna. Embora essas “lendas urbanas” às vezes surjam diretamente por falsidade ou fabricação, muitas vezes são o produto de uma recontagem exagerada de eventos históricos reais.

Com um tom pastoral e explicações úteis, os autores Michael J. Svigel e John Adair lidam com equívocos lendários, como a adoração na igreja primitiva no sábado e a cadeia ininterrupta de sucessão apostólica. *Lendas Urbanas da História da Igreja* corrigirá mal-entendidos de eventos-chave na história da igreja e guiará os leitores na aplicação dos princípios que têm caracterizado a igreja cristã desde o primeiro século.

“Em *Lendas Urbanas da História da Igreja*, John Adair e Michael Svigel oferecem respostas gentis e diretas a algumas das ideias equivocadas, meias verdades e falácias mais importantes ao longo da história da igreja. Essas lendas urbanas moldaram a nossa cultura cristã por tempo demais.”

– **Kyle D. DiRoberts**, professor associado de estudos bíblicos e teológicos, Arizona Christian University



chamada.com.br

